

Ruy Duarte de Carvalho e a ancestralidade africana

José Antonio Gonçalves

Em 2022, a editora Círculo de Poemas de São Paulo publicou o volume *Ondula, savana branca*: seguido de *Observação directa*, reunindo dois livros do autor, poeta, cineasta e antropólogo angolano de origem portuguesa Ruy Duarte de Carvalho (1941-2010). São textos que adaptam ou convertem, para a poesia em língua portuguesa, testemunhos da expressão oral africana. *Ondula, savana branca* foi originalmente publicado, em 1982, pela Sá da Costa de Lisboa. Quarenta anos separam a publicação portuguesa da brasileira. Este é o quarto livro de Ruy Duarte de Carvalho publicado no Brasil – os outros são *Vou lá visitar pastores*, *Os papéis do inglês* e *Desmedida*.

Na Nota à edição, o leitor é informado de que a poesia reunida do autor, *Lavra*, Poesia reunida 1970-2000 (Livros Cotovia, 2005) serviu de base para a publicação brasileira. Em *Lavra*, os dois livros foram compilados como “Lavra alheia”, apontando para um processo de apropriação, bem como para a polifonia e heteroglossia de Bakhtin. Assim, o termo “Lavra alheia” designa a parte da produção poética de Ruy Duarte de Carvalho em que ele se dedicou a recolher, reinterpretar e “reconverter” (no sentido da retradução de Antoine Berman) as fontes consultadas.

Ondula, savana branca é dividido em três modalidades de tradução: “versões, derivações e reconversões”. Elas correspondem ao tratamento poético dado aos materiais etnográficos, mas também a um trabalho minucioso com a língua. E são formas assumidas pelo sujeito poético de Ruy Duarte, por vezes, polifônico. Na Nota do autor, de *Ondula, savana branca*, Ruy Duarte define o seu trabalho de tradução poética como “um exercício de equilíbrio entre fidelidade e liberdade” (Carvalho, 2022, p. 15), à maneira de Walter Benjamin, em “A tarefa do tradutor”, de 1923. O autor demonstra saber separar muito bem as coisas, para depois misturá-las. A questão da divisão dos livros é expressiva na obra de Ruy Duarte de Carvalho. De tal modo que o autor fecha a trilogia *Os filhos de Próspero* com um romance intitulado *A terceira metade* (anunciado no fim de *Desmedida*), ecoando a terceira margem rosiana e o clássico shakespeariano *A tempestade*. Além dessas releituras, há um diálogo fecundo entre o romance e a poesia oral do autor angolano. Prosseguindo, as versões traduzem para o português poemas em

inglês e francês que derivam de etnografias. Uma “Vária” – algo caracterizado pela diversidade, que abrange diferentes culturas –, termo que Ruy Duarte usou para definir sua rigorosa seleção de cantos, imprecações, provérbios e máximas iniciáticas de povos da África subsaariana, que se estende às três modalidades.

Nas versões são representados o mito da criação de Doondari, origem dos pastores Fulani, a partir de “uma grande gota de leite” (Carvalho, 2022, p. 19); os oráculos de Ifá, divindade da adivinhação e do destino Yoruba (“que o teu corpo encontre a paz / – por dentro e por fora –.” [Carvalho, 2022, p. 21]); o animismo dos Pigmeus, em um poema feito de onomatopeias e repetições, e onde “– *tudo vive, dança e faz barulho*” (Carvalho, 2022, p. 23, grifo próprio); a seca e a fome que afeta os Ngoni e a súplica aos antepassados (“Não fica gorda a terra, nunca fica. / [...] Vós que dormis fechados na terra: / Morreremos todos nela?” [Carvalho, 2022, p. 28]); a cultura da dádiva dos Didinga (“frutos da munificência [...] // as comportas generosas da abundância” [Carvalho, 2022, p. 29]), dos Mensa (dialecto dos Tigrés) e dos Bergdâmaras; um indivíduo Akan que, questionado se o chefe é maior que o caçador, usa sandálias de gazela, enquanto segue um cortejo cujas “cabeças ruidosas dos tambores / [...] foram feitas da orelha do elefante” (Carvalho, 2022, p. 30); a pastorícia dos Dinkas (“Bebe, oh meu touro, bebe neste rio” [Carvalho, 2022, p. 31]); a concisão nos pequenos poemas Thonga (com apenas dois versos!), Xhosa e no belíssimo *heello* (uma canção de amor) Somali (“É um meu coração, não posso dividi-lo. / Mantém-se apenas firme para um só desejo, / oh tu que poderias ser a lua” [Carvalho, 2022, p. 34]); os Bosquímanos que nos dizem “somos seres humanos” (Carvalho, 2022, p. 38); a guerra entre inimigos dos Zulu cuja morte de um dos reis, não sem ironia, é lamentada por um cão; e, entre outros temas representativos de uma ideia geral que o mundo letrado faz da ancestralidade africana.

As derivações transformam em poesia textos etnográficos que já estavam em português, como os provérbios dos Nyaneka (cujos versos se repetem em *Hábito da terra*, livro de 1988 que apresenta elementos de metapoesia) e as duas faces de Kwanyama, “A fome” e “A chuva”. Estórias de sul e seca são temas recorrentes na obra de Ruy Duarte, como consta já nas primeiras poesias e ficções do autor: o poema “O Sul”, de *Chão de oferta* (1972) e os contos de *Como se o mundo não tivesse leste* (1977) denunciam o latifúndio e a exploração do trabalho de camponeses africanos. Retomando, as reconversões traduzem para o português e transformam em poesia textos etnográficos do francês: as quatro tiradas do “Ensino oral do Koré”, dos Bambara,

do qual deriva o título da recolha, os versos “Ondula, ondula / savana branca / até que tudo se confunda em ti” (Carvalho, 2022, p. 59), figuração animista de deus; e, “Koumen”, texto iniciático dos pastores Peul da região do Sahel, das savanas sudanesas – um poema narrativo de trinta e poucas páginas, protagonizado pelo pastor Silé Sadio, que, auxiliado pelas divindades Koumen, “o soberano das coisas dos pastores” (Carvalho, 2022, p. 67) e sua esposa Foroforondou, “deusa do leite” (Carvalho, 2022, p. 82), terá que cumprir uma jornada para desvendar os segredos da pastorícia: “Silé é Peul! / Não se lamenta senão pelos seus bois. / Vencerá todas as provas para encontrar saber” (Carvalho, 2022, p. 73).

Além disso, *Ondula, savana branca* inclui um mapa de “Referências étnicas” e uma lista de “Fontes, notas e referências”, com um rol de autores renomados (o mundo letrado a que referimos), incluindo Ulli Beier (que com Gerald Moore editou a importante antologia *Modern Poetry from Africa*, em 1963), Langston Hughes (editor das antologias *An African Treasure*, de 1960 e *Poems from Black Africa*, de 1963), C. Maurice Bowra, Ruth Finnegan, John S. Mbiti, Jerome Rothenberg (que cunhou o termo etnopoética nos anos 1960), Amadou Hampâté Bâ (conhecido nos estudos das literaturas africanas pelo ensaio “A tradição viva”), Germaine Dieterlen, entre outros.

É uma forma de o autor reconhecer a proveniência dos materiais, destacando que a poesia ali presente é um diálogo entre sua escrita e as tradições orais que a inspiraram, não sendo puramente uma criação individual no sentido tradicional. E isto, em contraposição, por exemplo, à poesia de *Sinais misteriosos... já se vê...* (1979), como ele mesmo refere em textos como “Tradições orais, experiência poética e dados de existência” e “Travessias da oralidade, veredas da modernidade”.

Trata-se de uma criação poética que se vale amplamente de documentos etnográficos, que é um apelo de Ruy Duarte de Carvalho nos seus textos sobre o neoanimismo, “Tempo de ouvir o outro” e “Decálogo neoanimista”, escritos, respectivamente, em 2008 e 2009. Para tanto, os neoanimistas propõem uma releitura crítica (de inspiração pós-colonial) dos saberes ancestrais africanos para que, a partir daí, possamos ouvir o que os intelectuais africanos (incluindo os da diáspora africana) teriam efetivamente a oferecer como solução aos problemas da modernidade. E, assim, responder criticamente àquilo que Ruy Duarte identifica como paradigma humanista ou humanismo ocidental, que faz da memória e da cultura do negro africano “um palimpsesto de assunções racistas” (Carvalho, 2009, p. 260). Assim referem os personagens de *A terceira metade*, a partir de uma interpretação equivocada das

pinturas rupestres de Brandberg, no deserto do Namibe, por um arqueólogo (o romance refere à arte rupestre *White Lady*, que alude a Europa da mitologia grega, raptada por Zeus na forma de touro). O apelo do autor é por uma mudança de disposição e de atitude da intelectualidade africana (e afrodiaspórica) em relação à ancestralidade africana, isto é, ao conhecimento pré-colonial africano, aos mitos de África, à religiosidade africana etc. Por isso, seria preciso passar a pensar o que nos vincula a um “neoanimismo”, a um novo quadro de relação com as forças da natureza e com os antepassados. Um modo extremamente sutil e sofisticado que o autor angolano desenvolveu, a partir tanto do acesso quanto da elaboração de arquivos (e, possivelmente, através de práticas inespecíficas), para podermos ouvir o que pensa a alteridade radical. Ler o pensamento do “outro”, grafado entre aspas, porque só é possível efetivamente ouvi-lo através de relatos etnográficos, já que se tratam de indivíduos oriundos de sociedades iletradas. Ler também as memórias individuais e coletivas e conhecer as tradições de africanos cujas práticas de vida são precedentes à experiência colonial e mercantilista europeia. E, com isso, seria possível questionar os ditames e as crises geradas pelo controle que o expansionismo ocidental passou a exercer sobre o outro. A historicidade africana (a luta dos africanos e de seus descendentes pela preservação da sua herança cultural, mas também contra o racismo) e o desenvolvimento das disciplinas (as viradas epistemológicas) é o que permite ao autor vislumbrar a mudança de perspectiva. Essa empreitada fica mais nítida quando lemos a poesia do autor em cotejo às suas prosa e ensaística. A esse respeito, conferir *A câmara, a escrita e a coisa dita...*, de 2008.

Já *Observação directa*, originalmente publicado, em 2000, pela Cotovia, de Lisboa, e seguindo os cadernos da obra *Lavra*, de 2005 (cf. “Nota à edição”), se divide em “Reservas da lavra alheia” e “Das leituras da carne”. A recolha repete a estratégia das derivações de *Ondula, savana branca*, trabalhando poeticamente textos dos Nyaneka, Kwanyama e acrescenta a esses os Kuvale, povos do extremo sul de Angola os quais Ruy Duarte de Carvalho inquiriu e produziu vasto material bibliográfico, incluindo as etnografias *Aviso à navegação* (1997) e *Vou lá visitar pastores* (1999) e a trilogia romanesca *Os filhos de Próspero: Os papéis do inglês* (2000), *As paisagens propícias* (2005) e *A terceira metade* (2009). Este romance, por sinal, o último de Ruy Duarte, possui forte intertextualidade com a poesia de expressão oral do livro resenhado. Especialmente com as rezas clônicas de “Extracção pessoal: colocação pastoril: pauta para entoar hinos, salmos e preces clônicas ou tábua para improvisação de poesia

invocatória” (Carvalho, 2022, p. 159), pretexto para o encontro do narrador-personagem de Ruy Duarte com o ancião pigmeu Jonas Trindade, o protagonista de *A terceira metade*; e, com a narrativa de “Koumen” cujas divisões (“três sequências de vinte e um anos cada uma, a primeira de aprendizagem, a segunda de prática, a terceira de ensino” [Carvalho, 2022, p. 198]) não só são de certo modo espelhadas nos três livros do romance como estruturam a narrativa desde a sua epígrafe: “E agora que tomaste / o leite do saber / diz-me, Silé, da corda que te exponho / quais são os nós vazios / os nós misteriosos / os investidos nós e o nome destes” (Carvalho, 2022, p. 86). Nas “Reservas da lavra alheia”, a “Extração nyaneka: das decisões da idade II: noção doméstica (também para vozes e coro)” dialoga, como o título do poema sugere, com a poesia de *A decisão da idade* (1976), notadamente com o poema de quase quarenta páginas “Noção geográfica: poema para cinco vozes e coros”. Há ainda em *Observação directa* a “Extracção kwanyama: seis canções pastoris”, que pode ser lida em diálogo com as duas inscrições Kwanyama presentes em *Ondula, savana branca*. Em “Das leituras da carne”, há, além das rezas clônicas mencionadas, as quatro partes de “Extracção kuvale: memórias nominais”, onde se “alcança a lembrança num gesto comum” (Carvalho, 2022, p. 147) e as cinco de “Extracção kuvale: das leituras da carne”, cujo uso de pontinhos cria um efeito de estranhamento e estabelece um ritmo de interação em torno de uma aruspicação.

Trata-se de uma poesia que se apresenta sob o signo da ruptura, isto é, de forte experimentação estética na mancha gráfica (traço comum à poesia mais recente de Ruy Duarte), e que resulta do contato direto do poeta-etnógrafo (mas também de missionários) com cosmologias africanas. Daí, inclusive, o sugestivo título do livro, aludindo a uma observação participante, que é um método de pesquisa para coleta de dados. O “tratamento” que Ruy Duarte dispensa a esses dados, na Nota do autor, de *Ondula, savana branca*, é o que muda a natureza do leitor, que passa a ser ouvinte da tradição oral africana (1- vivida; 2- etnografada; 3- ressignificada), e cuja escrita representa a transmissão da oralidade. Portanto, o texto dessas sociedades africanas é 1- vivido, transmitido oralmente de geração em geração; 2- etnografado, recolhido no terreno; e, 3- ressignificado, a fruição poética. Algo que resulta na “produção de um texto dupla ou triplamente intermediário entre si mesmo e um ouvinte, e não um leitor” (Carvalho, 2009, p. 178), que é a busca do narrador-personagem de *A terceira metade*. Algo também na linha da “poética da tradução” de João Barrento, na qual surge uma “terceira voz”, que é o resultado de “um processo de escuta e reconhecimento da Voz do

Outro” (Salgado, 2013, p. 145). Essa relação profícua de Ruy Duarte de Carvalho com a escuta é uma característica fundamental de sua literatura e fonte de renovação da linguagem poética do autor.

Na orelha do livro, Rita Chaves, professora da USP, que também assinou a da edição brasileira de *Desmedida*, fez uma importante reflexão sobre a “poesia rara” de Ruy Duarte de Carvalho, de sua criação poética atravessada por “várias linguagens para expressar um modo de ver o mundo pela perspectiva da multiplicidade”, por uma “espécie de teoria da reflexividade” e pela “constante mobilidade”. Impressões que podem ser lidas como uma brilhante síntese de seu projeto artístico.

No posfácio, a poeta, tradutora e professora Prisca Agustoni situa Ruy Duarte no campo literário angolano, destaca a importância de sua obra para os estudos das literaturas africanas, e analisa com rigor e sensibilidade a produção poética do autor, sem perder de vista que os dois livros foram publicados no período da guerra civil, de 1975 a 2002 (a propósito, Angola comemora 50 anos de independência, em 2025). Para a autora, o trabalho com a poesia de expressão oral permite a Ruy Duarte de Carvalho “compor a cartografia poética de um território desafiador”, “habitado por uma polifonia de vozes”, “e com elas, a elas misturada, às vezes sobreposta, às vezes escondida, a própria voz do poeta” (Agustoni, 2022, p. 208-209). Além disso, ela valoriza o “incansável trabalho de garimpagem nos mitos e símbolos” de África, realizado por Ruy Duarte, o que “promove um deslizamento nos modos de recepção”, fazendo com que os poemas se tornem “um palimpsesto composto por diferentes camadas de textualidades e registros, orais e escritos” (Agustoni, 2022, p. 204-205). E se rende a “Um poeta imenso que estabeleceu um compromisso com a pluralidade e com a escuta, e projetou a memória das comunidades do seu país e do seu continente em direção a um futuro que se recusa a ancorar numa narrativa única” (Agustoni, 2022, p. 213).

Se pudermos complementar as observações das professoras, talvez seja preciso valorizar o caráter universal, cosmopolita dessa fatura, que se estende ao continente africano (com especial atenção ao extremo sul de Angola, é claro), mas que as fronteiras políticas e culturais parecem relativizar. Por fim, talvez seja preciso também pensar o neoanimismo de Ruy Duarte de Carvalho como um processo de revitalização, de cuja poesia oral é representativa, com motivações diferentes da ocidentalização. Parafraseando o filósofo português Jacinto Rodrigues, o apelo aos valores culturais da oralidade do povo negro africano, que despertara em Angola com o movimento

anticolonialista na busca das raízes do povo angolano, felizmente perdura até hoje, nomeadamente, entre outros, em Ruy Duarte de Carvalho, na defesa da tradição oral africana (Rodrigues, 2004, p. 35).

Referências

AGUSTONI, Prisca. Posfácio. In: CARVALHO, Ruy Duarte de. **Ondula, savana branca: seguido de Observação directa**. São Paulo: Círculo de Poemas, 2022. p. 201-213.

CARVALHO, Ruy Duarte de. **A terceira metade**. Lisboa: Cotovia, 2009.

CARVALHO, Ruy Duarte de. **Ondula, savana branca: seguido de Observação directa**. São Paulo: Círculo de Poemas, 2022.

RODRIGUES, Jacinto. A corrente espiritual sufi no Islão como forma de compreensão em torno da universalidade e do diálogo. In: GONÇALVES, António Custódio (org.). **O Islão na África Subsariana**. Porto: Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto, 2004. p. 35-43.

SALGADO, Marcus Rogério Tavares Sampaio. A terceira voz: por uma poética da tradução. **Outra Travessia**, Ilha de Santa Catarina, n. 15, p. 133-146, 2013. DOI: <https://doi.org/10.5007/2176-8552.2013n15p133>. Acesso em: 25 mar. 2024.

Data de submissão: 03/10/2025

Data de aceite: 03/12/2025